

mudou sua opinião de maneira dramática. Ele estava, então, com 60 anos de idade. A I Guerra Mundial estava sendo sofrida em todo o seu horror, com baixas em massa acontecidas em batalhas como a de Verdun. Uma experiência direta e pessoal foi responsável pela transformação de Doyle. Através de um médium, os Doyle receberam uma mensagem que convenceu Sir Arthur de sua autenticidade e da veracidade das comunicações dos espíritos, em geral. A Srta. Phillimore chamou isso de “aquele pedacinho decisivo de evidência, que ele necessitava para satisfazer suas restrições analíticas”.

A mensagem que mudou a vida de Doyle veio, disse ele se convenceu, do espírito do irmão de sua esposa, Malcolm Leckie, que morrera, em batalha, no mês de setembro de 1914. Pode-se respeitar a relutância de Doyle em revelar os detalhes de uma mensagem íntima e pessoal, mas é uma grande perda, para a história do espiritualismo e para a pesquisa psíquica, que ele não tenha publicado o seu conteúdo. Carr descobriu, em Doyle, uma “intensa aversão a escrever ou falar, em público, qualquer coisa muito íntima ou muito pessoal — ainda assim, pelo menos num retrospecto, sente-se que Doyle devia absoluta franqueza para com aqueles a quem procurava persuadir da realidade da vida após a morte. Carr diz: “Isso [a mensagem] foi uma reminiscência ou uma lembrança tão profundamente pessoal que não poderia ter sido conhecida por ninguém neste mundo, exceto Malcolm Leckie e ele próprio. Nela, ele encontrou a prova objetiva que estivera procurando durante quase trinta anos.”

Um comentário torna-se óbvio. Se a mensagem se referiu a um acontecimento que Doyle e Leckie haviam partilhado no passado, então esse evento fazia parte da memória de Sir Arthur e a mensagem poderia ter sido uma prova de telepatia mais do que de sobrevivência após a morte. Assim sendo, ela foi uma prova subjetiva, melhor do que objetiva. De qualquer forma, a mudança de rumo em Conan Doyle foi espantosa. Ainda pouco tempo antes, em setembro de 1915, ele respondeu a esta pergunta: “O que você diria para consolar aqueles que sofrem? Como você ajudaria?”, publicada na *International Physic Gazette*, com estas palavras cautelosas: “Receio não ter nada que valha a pena dizer. O tempo é o único remédio.” Contudo, em novembro de 1916 ele escreveu, na revista *Light*: “A despeito de fraudes ocasionais e fantasias loucas, remanesce

um sólido núcleo, em todo este movimento espiritual, que está infinitamente mais perto da prova positiva do que qualquer outro movimento religioso que eu conheça... Atingimos um ponto onde provas adicionais são supérfluas e onde o peso da contraprova repousa sobre aqueles que negam.”

Conan Doyle fora convencido e, então, lançou-se à obra de convencer o mundo. Conforme expôs a Srta. Phillimore, sua convicção levou-o de um salto, “da pesquisa psíquica (onde o peso da prova repousa tacitamente sobre aqueles que demonstrariam a sobrevivência), para a parcialidade dos espiritualistas fervorosos”. Essa convicção levou-o, também, a uma série de conflitos com personalidades importantes da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da qual ele, eventualmente, demitiu-se; a uma *vendetta*, que teve muita publicidade, com o mágico de palco americano, Houdini; e a tragicômicos envolvimento com médiuns de qualidade duvidosa.

Tendo feito sua escolha, Doyle lançou-se a todo o pano. A cautela desapareceu. Ele usou de sua perícia, como escritor, para defender médiuns contra a acusação de embuste. Aceitou “fotografias de espíritos” toscamente fabricadas e, principalmente, fez um convite ao ridículo com as fotografias que publicou em *The Coming of the Fairies* [A Vinda das Fadas] (Londres, 1922). Este livro continha o que ele chamou de “Fotografias Encantadas de Cottingley”, mostrando duas meninas, de pouco mais de dez anos, olhando para uma assembléia de fadas, que a Srta. Phillimore comparou a “recortes, de papel, de fadas e gnomos”. O Dr. Joseph Jastrow, então professor de psicologia na Universidade de Wisconsin, escreveu, no jornal *The New York Times* (2/setembro/1923):

“É muito fácil mostrar que Sir Arthur tem sido, repetida e grosseiramente, ludibriado pelo tipo mais vulgar de sessão espírita, destinada a se aproveitar das emoções dos tolos. Ele tem endossado a autenticidade de fraudes que têm sido desmascaradas repetidas vezes, até o último detalhe de engenhosa ou grosseira malícia. Ele tem tentado reviver uma crença nas fadas, baseado em evidências fotográficas tão nitidamente fraudulentas que seria difícil convencer até as crianças de idade igual a das meninas que posaram para as fotografias. Em síntese, se existe algum membro do restrito grupo moderno de homens ilustres que, por uma razão ou outra, converteram-se à ilusão do sobrenatural, e que esteja completamente desacre-